



AS REGRAS DO JOGO: A SEQUÊNCIA DIDÁTICA NUMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Mariana Rodrigues Athayde ¹ (PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop)
athayde.mariana@gmail.com

Lucila Tereza Rockenbach Manfroi ² (PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop)
lucilamanfroi@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo, proposto na disciplina “Gramática, variação e ensino” do Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop-MT, ministrada pela professora doutora Neusa Inês Philippsen, foi elaborado a partir da proposta metodológica da Sequência Didática (SD) de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). As atividades aplicadas nas Escolas Estaduais: “Marechal Cândido Rondon” (EEMCR) e “Nova Canaã” (EENC), através de uma abordagem sociolinguística, tiveram o intuito de que o ensino de Língua Portuguesa e de propor que se possa partir de um novo enfoque: a língua do aluno, para que desta forma aproxime-se do ideal linguístico proposto pela sociedade, aqui entendido como norma culta. Sendo assim, usamos como aportes teóricos Coelho (2015); Bagno (2007); Mollica (2015); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Português, Sociolinguística, Sequência Didática, Gênero regras de jogo.

ABSTRACT: This article, proposed in the discipline "Grammar, variation and teaching" of the Professional Postgraduate Program in Letters - PROFLETRAS, of the State University of Mato Grosso, University Campus of Sinop-MT, taught by Professor Dr. Neusa Inês Philippsen, was elaborated from the methodological proposal of the Didactic Sequence (SD) of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). The activities implemented in the State Schools: "Marechal Cândido Rondon" (EEMCR) and "Nova Canaã" (EENC), through a sociolinguistic approach, were designed to teach Portuguese and propose a new approach: the language of the student, so that this way approaches the linguistic ideal proposed by society, here understood as a cultured norm. Therefore, we use as theoretical contributions Coelho (2015); Bagno (2007); Mollica (2015); Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004).

KEYWORDS: Teaching Portuguese, Sociolinguistics, Didactic Sequence, Gender rules of the game.

INTRODUÇÃO

[...] nas circunstâncias atuais – que parecem ser de um deliberado esvaziamento de todo esforço educacional autêntico – deve-se ter em mente que não estamos diante de uma discussão teórica, mas sim de uma questão prática, à qual é preciso responder também com soluções práticas.

Pode-se tratar a queda de uma telha como um problema dinâmico, formulando hipóteses teóricas alternativas e debatendo a adequação

¹ Bolsista CAPES. Mestranda do Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop, professora da educação básica de Língua Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), lotada na Escola Estadual “Marechal Cândido Rondon”, de Nobres/MT.

² Bolsista CAPES. Mestranda do Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS (2016-2018) – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop-MT. Professora da educação básica de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), lotada na Escola Estadual “Nova Canaã”, de Nova Canaã do Norte-MT.



destas últimas. É uma abordagem legítima, mas não é a melhor do ponto de vista de quem está embaixo.
RODOLFO ILARI

O ensino de Língua Portuguesa tem se tornado um quebra-cabeça para a escola, pois, na maioria das vezes, baseia-se apenas no ensino da gramática normativa. E esta encontra-se em um plano idealizado, distante do uso, do aluno e de sua comunidade, o que causa um dilema maior ao se ensinar nomenclaturas e classes gramaticais, ou seja, metalinguagem.

Partindo deste pressuposto, apresentamos uma proposta de ensino baseado na Sequência Didática (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004), por meio do gênero instrucional *regras de jogo*. Conhecedoras de que este gênero está presente no dia a dia do aluno, utilizamos também da ludicidade para mediar a aprendizagem de conteúdos gramaticais, bem como, propusemos uma metodologia adaptável à realidade de cada escola.

A partir da análise da produção textual inicial, em que observamos aspectos lexicais, morfossintáticos, morfofonológicos e discursivos, escolhemos o que mais estava em evidência para propor os módulos seguintes. Desta forma, tivemos pretensão que os alunos refletissem sobre o uso da língua e se apropriassem do gênero estudado.

Ao término do trabalho, com a produção final, comprovamos que houve a ampliação do conceito relativo ao gênero e a melhora no emprego do conteúdo gramatical explorado.

Destacamos que na Escola Estadual “Marechal Cândido Rondon”, localizada na zona rural do município de Nobres-MT, trabalhou-se com a turma do 7º ano B, a qual possuía 17 alunos matriculados, porém foram considerados na análise apenas o total de 13 textos por haver em mãos a produção inicial e final deste cômputo. Já na Escola Estadual “Nova Canaã”, localizada na zona urbana do município de Nova Canaã do Norte-MT, trabalhou-se com o 7º ano A, em que havia 31 alunos que o frequentavam. Porém, foram considerados para análise um total de 22 alunos por haver em mãos a produção inicial e final deste cômputo. Salienta-se a escolha de turmas de 7º anos, devido à faixa etária estar mais diretamente associada a usos de jogos e brincadeiras.

O ENSINO DO GÊNERO INSTRUCIONAL ATRAVÉS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 20), “o gênero é um instrumento” cuja compreensão leva o aluno a uma participação mais interativa com a

sociedade. Desta forma, partindo do pressuposto que textos de gêneros diversos estão presentes no dia a dia do aluno, vale observar que o gênero instrucional faz-se presente em bulas de remédios, editais de concurso, manuais de eletroeletrônicos, manual de montagem de móveis, receitas culinárias e manuais de jogos, sendo, por sua vez, este último escolhido para o desenvolvimento da SD pelo nível de aproximação com a faixa etária dos alunos e por propiciar o aspecto lúdico.

Ainda conforme os três autores referidos no parágrafo anterior (2004, p. 22), “o instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização”, e, para que isto de fato ocorra, aplica-se a Sequência Didática (SD), que nada mais é que “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 82), com a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe agir de maneira adequada a cada situação.

A estrutura de base da SD inicia com a exposição da situação. Assim, apresentamos aos alunos a tarefa de produção escrita, a qual deveriam realizar. Em seguida, pedimos a produção inicial, sendo que nesta etapa avaliamos as capacidades de compreensão e entendimento do gênero, bem como construímos, a partir da análise dos textos, os exercícios gramaticais para dar sequência às atividades.

Após, elaboramos os módulos, constituídos de atividades com a finalidade de propiciar ao aluno o desenvolvimento de instrumentos necessários para sanar as dificuldades relativas ao gênero. Estes módulos foram trabalhados de forma sistematizada e serão elencados na sequência deste artigo.

Ao fim dos módulos, passamos à produção final. Nesta etapa foi dada aos alunos a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos e nós, professoras, pudemos medir os progressos atingidos e os que ainda não tinham sido alcançados, desta forma foi possível rever cada ponto das atividades trabalhadas. Destacamos, ainda, que a SD:

[...] se inscreve numa perspectiva construtivista, interacionista e social que supõe a realização de atividades intencionais, estruturadas e intensivas que devem adaptar-se às necessidades particulares dos diferentes grupos de aprendizes. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 93).

Ou seja, a SD é adaptável a diferentes turmas, devendo ser elaborada/formulada de acordo com objetivos pré-estabelecidos e conforme o nível de dificuldade de cada faixa etária.

PRODUÇÃO INICIAL: COLETANDO DADOS NUMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Sabe-se que a variação linguística ocorre em todos os aspectos gramaticais e entre os mais variados grupos de pessoas, determinados por questões sociais, geográficas, entre outras. Sabe-se, também, que a variação não é aleatória, porque “existem regras que a regem – e é por isso que os falantes se compreendem entre si, mesmo que sua fala seja variável” (COELHO, 2015, p. 20). De posse deste saber, cabe ao professor de língua investigá-lo em sala de aula e usá-lo de maneira produtiva no ensino-aprendizagem do aluno, pois, elencadas as variedades dentro do texto o aprendiz poderá observar a língua em movimento e compreender de maneira mais clara os usos da língua, como também a utilidade das gramáticas e dicionários.

Em nosso trabalho, foram analisados treze (13) textos de alunos do 7º ano B da Escola Estadual “Marechal Cândido Rondon” (EEMCR) e vinte e dois (22) textos de alunos do 7º ano A da Escola Estadual “Nova Canaã” (EENC). Nestes, destacam-se as variações lexicais, conceituadas como “palavras que compõem uma dada língua, quase sempre associadas à variação regional” (COELHO, 2015, p. 23), ou seja, diferentes palavras para o mesmo referencial/determinante.

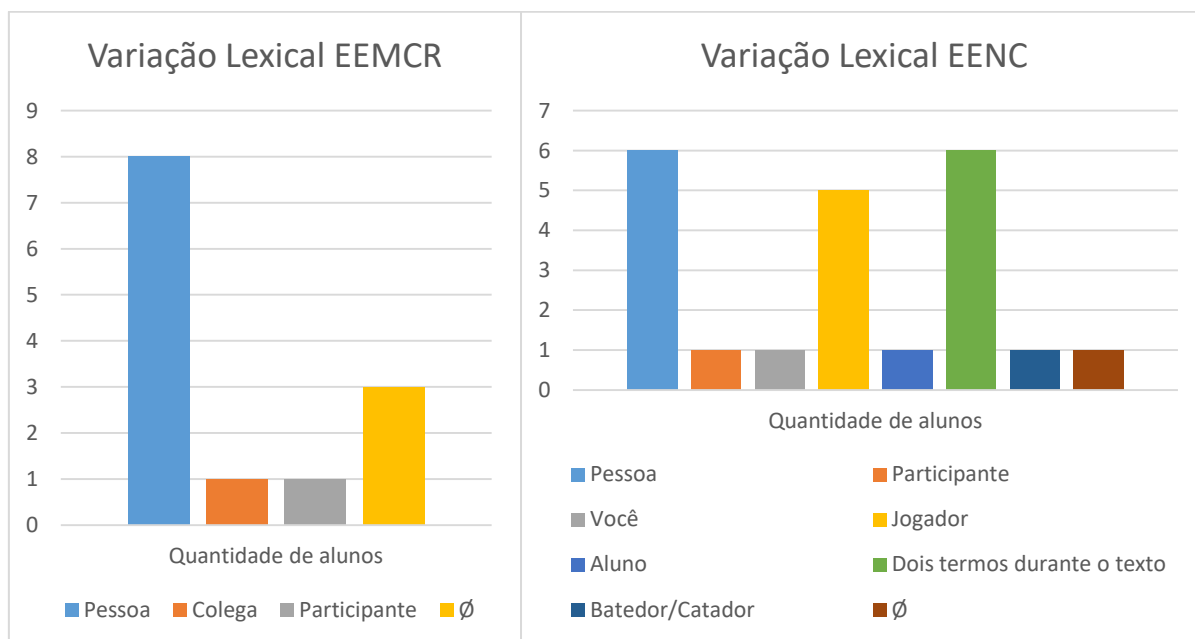


Gráfico 1: Variação lexical – Quantidade de usos por alunos de diferentes palavras para designação dos participantes do jogo descrito.



Desta forma, verificamos a não padronização do uso de palavras relacionadas ao gênero proposto (instrucional – regras de jogo), mesmo sendo algo utilizado comumente pelos alunos. Ou seja, os estudantes não conseguiram padronizar o léxico característico do gênero. Muitos alunos, em ambas as escolas, utilizaram termos inadequados (como aluno, colega) ao gênero em questão. Além disso, empregaram determinados léxicos repetidamente, isto é, houve poucas substituições no mesmo texto por palavras semelhantes, como: jogador, participante, competidor, adversário, ou mesmo por pronomes que poderiam ocupar estes lugares, evitando, por exemplo, o uso excessivo do mesmo termo. Percebemos com este fato necessidades a serem trabalhadas.

Em continuação às análises dos textos, focamos os aspectos morfofonológicos, que abarcam dois ou mais níveis gramaticais, pois apresentam alteração tanto no morfema quanto num fonema específico e idêntico da palavra. Cabe ressaltar que se pode verificar a presença de variações fonológicas quando a alteração ocorre no fonema e morfológicas quando dá-se no morfema.

Num ensino voltado para a gramática normativa, inadequações da escrita são classificadas como ‘erros’ de construção, em que o professor geralmente pede a repetição da escrita da palavra, supondo que desta forma o aluno aprenda a escrevê-la. Entretanto, pelo viés da Sociolinguística podemos ressaltar a importância de reconhecer cada fenômeno para interpomos uma metodologia mais eficaz. Assim, partindo de pressupostos desta teoria, elaboramos exercícios gramaticais, ressaltando o uso da língua nos textos dos alunos, bem como procuramos demonstrar como escreveram e como, segundo a norma culta, deveriam escrever. Desta forma, exploramos exemplos dentro do próprio texto do aluno e propusemos refacções coerentes ao que foi explicado, tornando o ensino-aprendizagem mais eficaz e significativo.

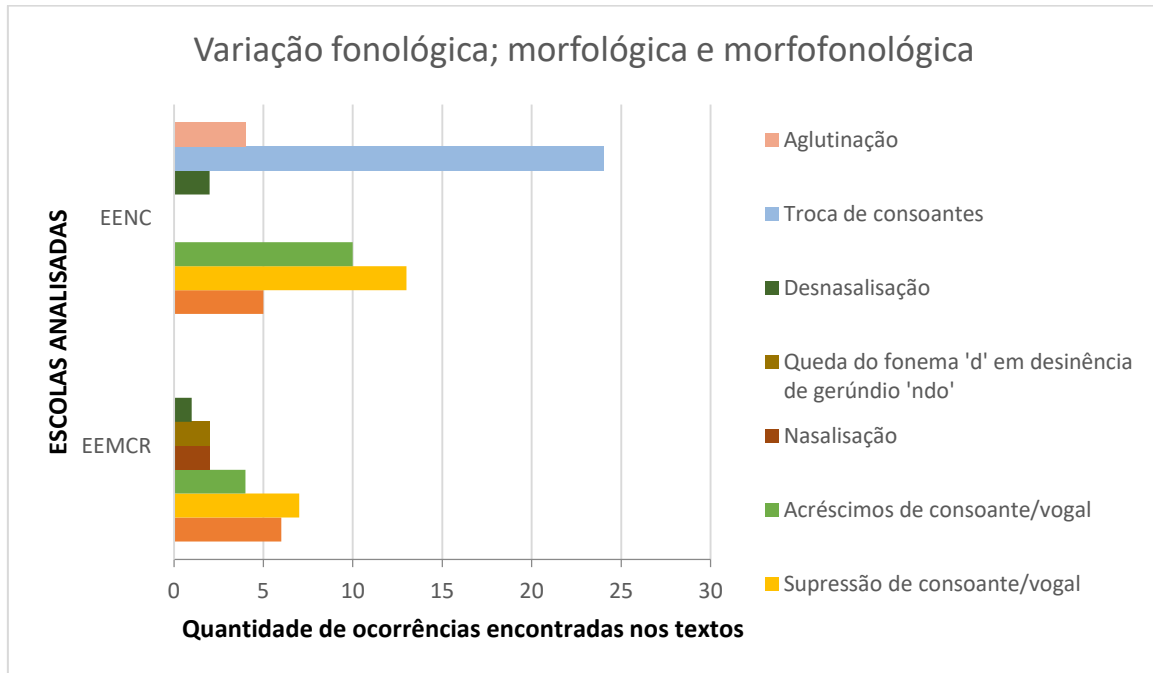


Gráfico 2: Variações fonológica, morfológica e morfofonológica

Com relação à variação morfossintática, esta se estabelece quando a alteração ocorre em um morfema e isto afeta a sintaxe no caso observado. Podemos observar os seguintes casos em ambas as escolas:

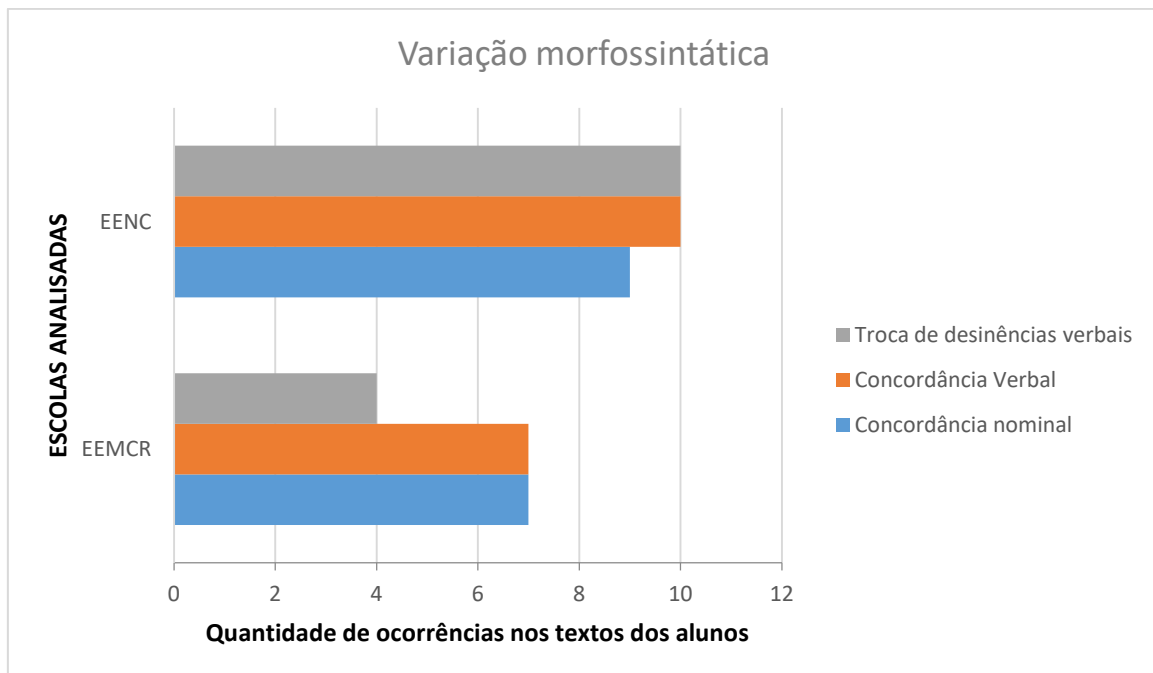


Gráfico 3: Variação morfossintática

De acordo com o gráfico 3, pode-se observar que na EENC a troca de desinências verbais foi o caso mais encontrado, juntamente com o caso de concordância nominal. Fato este presente no português brasileiro (PB) e estudado por vários pesquisadores. Na EEMCR os casos de troca de desinências verbais e concordâncias verbais e nominais foram observados em todos os textos dos alunos, tendo mais de uma ocorrência por texto. Fenômenos estes que ressaltaram a necessidade de uma interferência efetiva do professor.

Finalizando o recolhimento de dados da primeira produção, observamos também o uso de marcadores discursivos, que são palavras diversas que encadeiam trechos discursivos e desempenham o papel de conectores nos textos. Muitos destes estavam empregados adequadamente, porém outros apresentavam emprego indevido, demonstrando fragilidade no entendimento do gênero, como também das relações de coesão e coerência na construção do texto.

Observamos no gráfico, a seguir, os marcadores encontrados em ambas as escolas:

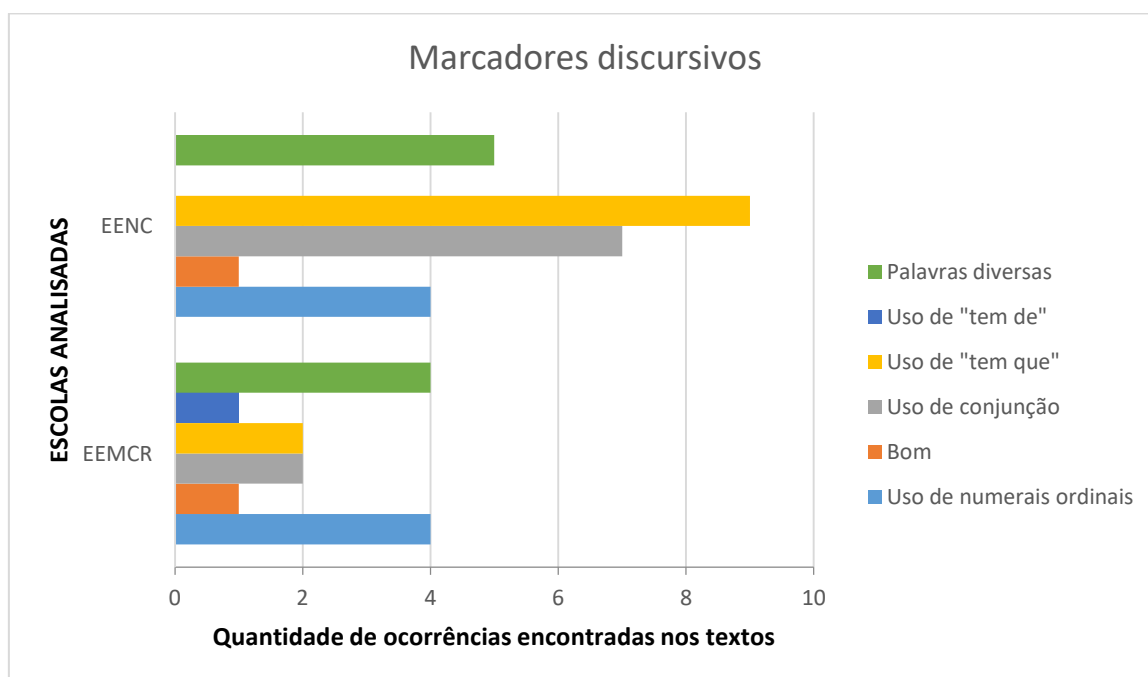


Gráfico 4: Marcadores discursivos

Os marcadores discursivos encontrados em ambas as escolas demonstraram o quanto os alunos nesta faixa etária, ainda, compreendem a escrita como oralidade, pois utilizam-se de marcadores, como demonstrados no gráfico, tais como 'tem que', 'tem de', 'e', 'bom', 'primeiro', 'aí', entre outras palavras variadas, para interligar orações e sequenciar a produção textual.



Evidenciando todos estes casos, ressaltamos que é:

[...] papel da escola oferecer condições para que o aluno desenvolva plenamente suas competências sociocomunicativas. Para tanto, deve ensinar a norma culta [...] não no sentido de exigir que o aluno substitua uma norma [...] por outra, mas no sentido de capacitá-lo a dominar outras variedades para que possa adequar seu uso linguístico a diferentes situações. (COELHO, 2015, p. 141).

Desta forma, prosseguiremos no próximo tópico a descrição de atividades realizadas nos módulos de ensino da SD em questão, que teve como principal intuito auxiliar o aluno a ampliar sua competência linguística e, desta forma, aprimorar intercorrências como as descritas nos gráficos, dentre outras.

AMPLIANDO HORIZONTES – ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

De acordo com a análise da produção inicial, muitos seriam os aspectos a serem trabalhados. Dada a necessidade de nos fixarmos em alguns, procuramos desenvolver atividades de reflexão que ajudariam a solucionar ou amenizar problemas e conflitos com a gramática, chegando-se a três conteúdos que, de acordo com o gênero trabalhado, pareceram-nos prioritários: verbos imperativos, infinitivos e nos tempos verbais pretérito e futuro; compreensão do léxico apropriado à situação; adequação da pontuação em que se propôs também amenizar o uso inadequado de variações discursivas de sequenciação, como “e”, “daí” e “aí”.

Desta forma, no módulo 1 esmiuçamos o gênero para maior compreensão e elencamos características como: Estrutura do texto: título, sequência entre outras. Também abordamos sobre aspectos gramaticais do gênero (pontuação, concordância nominal, emprego de verbos e de marcadores de sequência temporal).

Para este trabalho com a gramática, ressaltamos todas as palavras que foram utilizadas para o referencial “jogadores/participantes”, conforme o gráfico 1, e pedimos que cada aluno pesquisasse em um dicionário o significado de cada palavra, anotando a(s) resposta(s) no quadro. Depois, através de uma análise dos significados, levamos a turma a escolher o léxico apropriado ao gênero instrucional *regras de jogo*.

Antes de iniciar o trabalho com os verbos, apresentamos o paradigma da conjugação verbal proposto por Bagno (2007, p. 133):

VARIEDADES +ESTIGMATIZADAS		VARIEDADES +PRESTIGIADAS		NORMA- PADRÃO	
eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO
você [tu]	FALA	você	FALA	tu	FALAS
ele		ele		FALA	ele
a gente [nós]	FALAMOS	a gente	FALAMOS	nós	FALAMOS
eles		vocês		FALAM	vós
		eles	FALAM	eles	FALAM

Figura 1: Tabela de simplificação dos fenômenos do Paradigma da conjugação verbal, conforme Bagno (2007, p. 133).

Esta apresentação fez-se importante, pois, conforme nos informa Coelho:

[...] os pontos de contraste entre as variedades coexistentes devem ser apontados, descritos e discutidos pela escola, para que o aluno tenha conhecimento dos fenômenos variáveis, das regras linguísticas que regem a variação e dos preconceitos relativos ao uso da língua. (COELHO, 2015, p. 142)

Conversamos, em seguida, com os alunos sobre os verbos imperativos (verbos que expressam ordem; conselho; pedido) e demonstramos através de exemplos retirados das produções de seus próprios textos, a diferença semântica ao se empregar um ou outro modo/tempo verbal. Após, solicitamos o preenchimento de verbos no modo imperativo em um texto lacunado. Mostramos as terminações e os levamos a compreender de maneira clara e simples que, quando o verbo é de 2ª ou de 3ª conjugação, a terminação no imperativo é ‘a’ e quando é de 1ª conjugação, a terminação é ‘e’, relativa à terceira pessoa da conjugação (ele/ela/ você/ a gente – 3P).

No módulo 2, entregamos aos alunos um manual de instruções sem a presença dos verbos e pedimos que o preenchessem. Analisamos como escolheram os verbos e o que os levou a preencher de tal forma. Vale ressaltar que pedimos para que lessem e observassem a adequação. Depois, entregamos uma atividade para que apontassem os elementos de um manual de instruções. Logo após, formulamos junto com eles um manual de correção com cores para que observassem e apontassem dentro do próprio texto as inadequações referentes ao gênero.



Em prosseguimento, apresentamos os sinais de pontuação e pedimos para que dissessem o que sabiam a respeito de cada um deles. Requestamos para que evidenciassem dentro do próprio texto os sinais que foram utilizados e se estes cumpriam a função pretendida. Na sequência, solicitamos que lessem e observassem onde e se poderiam acrescentar pontuação. Muitos alunos utilizaram na primeira produção expressões de continuidade, como: “e”, “daí” e “aí”. Incitamos, então que observassem se estes termos poderiam ser substituídos por outros mais adequados ou simplesmente eliminados e empregada alguma pontuação.

Como grande parte dos alunos não utilizou o recurso do subtítulo na produção inicial, uma atividade referente ao gênero textual foi sobre o uso desse recurso. Entregamos diferentes manuais de instrução e solicitamos que eles observassem o uso dos subtítulos nestes textos elencando sua finalidade. Logo, os estudantes perceberam que este recurso ajuda a organizar o texto facilitando a localização de informação específica por parte do leitor. Elaboramos também uma atividade em que retiramos os subtítulos de alguns manuais de jogos para que as lacunas fossem preenchidas com um subtítulo adequado.

Com o término da aplicação dos módulos, pedimos que fizessem a refacção da produção inicial, a partir dos novos conhecimentos, a qual, após correção final, foi reproduzida e disponibilizada para a escola. Uma sugestão de uso destas produções é que os professores (em geral e/ou de Educação Física em específico) poderão utilizar estes manuais para ensinarem regras de jogos e brincadeiras aos alunos de outras turmas das escolas.

Para finalizar, propusemos a criação de um jogo de tabuleiro em conjunto com a turma utilizando os conteúdos gramaticais aplicados. Jogo este desenvolvido juntamente com a produção de um manual de instruções (regras de jogo) e que, após escrito e revisado, foi disponibilizado para o uso também de outras turmas, dando-se um fim social ao texto produzido.

UM OLHAR PARA A PRODUÇÃO FINAL

Escola Estadual “Marechal Cândido Rondon” (EEMCR)

Após a realização das atividades por módulos e depois da reescrita final a partir de um sistema de correção por cores, pudemos observar que nas produções finais algumas



características do gênero instrucional *regras do jogo* foram contempladas de modo satisfatório: texto separado por blocos com o emprego de subtítulos, ou seja, com indicações de quantidade de jogadores, faixa etária, regras, pontuação, entre outras.

Com relação à variação lexical, foi possível observar que em nove textos houve o emprego das palavras jogador/es e participante/s para indicar quem joga. Um fato que deve ser ressaltado é de que as quatro produções que utilizaram palavras variadas, como “você”, “colega” e “pessoa”, foram de alunos que faltaram às aulas em que houve aplicação do módulo da SD sobre este tópico. Isso comprova que, ao reconhecer o significado dicionarizado das palavras, houve a compreensão de uso do léxico de acordo com a situação enunciativa.

Com relação ao trabalho com verbos, no modo imperativo houve muitas dificuldades com aquilo que estava proposto, pois os alunos não reconheciam o que era verbo dentro de uma oração ou texto. Por isso foi necessária uma explicação mais detalhada: formação do infinitivo, modos verbais etc, para a compreensão do que seria ‘verbo’ e a partir disso poder explicar o modo imperativo, mesmo que este não seja utilizado na maioria dos casos em regras de jogo, está muito presente no gênero instrucional. Desta forma, na análise da produção final, não houve surpresa ao se constatar que os alunos mesclaram o uso de modos e tempos verbais: nove alunos usaram o infinitivo com predominância, contudo utilizaram outros modos conjuntamente, três alunos usaram apenas o imperativo e somente uma aluna não o utilizou.

Verificou-se que neste momento não se detectou troca de desinências/pessoas como as ocorridas na produção inicial.

Destacamos a presença constante de pontuação nesta versão dos textos e diminuição significativa de variação discursiva inadequada. Pontuação que antes era desconhecida, como aspas, ponto e vírgula, apareceram nas versões finais.

Com relação à utilização de formato do gênero específico, ressalta-se que todos os alunos, em sua versão final, construíram o manual, separando-o por blocos explicativos, ao contrário da produção inicial em que fizeram um longo texto narrativo.

Escola Estadual “Nova Canaã” (EENC)



Comparando as produções iniciais e finais dos estudantes desta escola, percebemos uma melhora significativa. No que se refere ao léxico, pudemos observar que a maioria dos alunos excluiu em suas versões finais termos como “aluno”, “pessoa/s”, utilizados na primeira produção. Apenas três alunos continuaram empregando “você” e “pessoa”. Dezenove alunos empregaram na produção final um léxico apropriado ao gênero instrucional *regras de jogo*, como: jogador/es, participante/s. E, para evitar muitas repetições, substituíram estes termos quando necessário por: “todos”, “duplas”, “equipe”, “adversário” etc.

Em relação ao uso dos verbos, constatamos que na primeira versão apenas dois alunos utilizaram o modo imperativo, um utilizou com predominância, outro apenas ocasionalmente. Na versão final, apenas o aluno que o utilizou ocasionalmente manteve seu uso. Os demais não utilizaram este modo em momento algum. Acreditamos que foi devido à discussão em sala de que este modo verbal é imprescindível na receita culinária, porém não é obrigatório em regras de jogos, como os alunos puderam verificar lendo alguns destes manuais.

Outra hipótese para a quase inexistência do uso do verbo no modo imperativo na escrita dos alunos, é que ele é bem pouco verificado na fala/escrita do dia a dia (exceto em receitas culinárias escritas), sendo utilizado principalmente em seu lugar o presente e o pretérito imperfeito do indicativo (que denotam maior delicadeza/cortesia se comparados ao imperativo, que enfatiza ordem). Verificamos que em relação ao uso de verbos no infinitivo houve uma significativa adequação por parte dos alunos em acrescentar o “r” final. Porém, na última versão, cinco alunos, de um total de vinte e dois, utilizaram ainda, ocasionalmente, estes verbos sem o “r” final.

Na organização do texto, no que se refere à utilização de blocos e respectivos subtítulos, verificamos um significativo avanço em relação à produção inicial. Na primeira versão, apenas alguns alunos utilizaram o formato de bloco, às vezes com subtítulos não muito adequados. Na versão final, apenas quatro estudantes não empregaram este formato para reescrever seus manuais. Os demais, além de valerem-se deste recurso para organizar seus textos, melhoraram a relação entre o nome dado ao subtítulo e o seu respectivo bloco.

Sobre a pontuação, observamos que na versão inicial uma parcela de alunos não a empregou em seus textos. Outros alunos, apesar de a aplicarem, não a utilizaram de forma adequada. Na versão final, percebemos uma melhora, assim por nós classificada: sete alunos empregaram adequadamente a pontuação; seis estudantes apresentaram poucos problemas em



relação à sua adequação; oito a utilizaram de maneira inadequada em muitas situações da escrita final; e um aluno não utilizou pontuação alguma. Portanto, em relação ao emprego da pontuação, percebemos que a maioria dos alunos não se apropriou satisfatoriamente deste aprendizado, ou seja, necessitam de mais atividades e esclarecimentos sobre o emprego adequado da pontuação.

Desta forma, ao terminar as análises de ambas as escolas, verificamos nas atividades desenvolvidas que o ensino do texto, ou seja, de um gênero textual específico (no nosso caso *regras de jogo*), seguindo uma SD não exclui o ensino da gramática, ao contrário, a completa da melhor forma: na própria produção textual do aluno. E isto permite aos estudantes apreenderem de forma significativa, mesmo dentro de um curto espaço de tempo (dez aulas de cinquenta e cinco minutos cada), como foi a realização destas sequências de atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo propôs-se a descrição da utilização de uma proposta metodológica de SD, com o emprego de aporte teórico sociolinguístico e atividades específicas e sistemáticas, a partir da língua em uso nos textos dos alunos. Evidencia-se, desta proposta que a compreensão e um olhar diferenciado para as dificuldades pode alcançar êxito no ensino de forma simples e eficaz.

Pelos resultados obtidos, ressalta-se que, ao levar o aluno à compreensão de seu próprio texto, das estruturas linguísticas que o mesmo utiliza para escrever, observar as dificuldades e, após eleger as dificuldades mais gerais da turma, mediá-las através da SD, é possível dar um fim social aos textos e levar os discentes a compreenderem melhor todo o conteúdo aplicado.

A frequência irregular dos alunos em ambas as escolas, difere no êxito das turmas, diferenciando desta forma o nível de aprendizagem por parte de cada aluno, levando as classes, por sua vez, a uma heterogeneidade cada vez maior.

A diversidade de alunos, devido ao nível socioeconômico, gênero, entre outras, torna o trabalho do professor desafiador, pois são necessárias flexibilidade e sensatez na condução de atividades que venham ao encontro da turma e de cada aluno especificamente. A necessidade de escolha e consciência de atividades significativas, de acordo com as dificuldades da turma e buscando-se a melhora da mesma, terão sua condução facilitada ao



utilizar-se de preceitos sociolinguísticos para análise e direção da SD, como apontado e descrito no decurso deste artigo.

Portanto, ficou claro que a Sociolinguística tem um papel fundamental ao adentrar os muros da escola e conduzir a ação docente, pois, conforme os nossos resultados, o aluno compreendeu mais claramente o ensino de português, porque passou a entendê-lo e nós, professoras, apreendemos como é constituída a língua do aluno, e assim interpusemos ações mais significativas e direcionadas.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

COELHO, Izete Lehmkuhl. [et al.]. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michéle; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado das letras, 2004.

MOLLICA, Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4 ed.. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 22 • Abr/Jul 2017

ANEXOS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola** - Campinas: Mercado de Letras, 2004.

Pesquisa dirigida no intuito de colher informações para a escrita de um artigo para a disciplina de *Gramática, Variação e Ensino* (Profa. doutora Neusa Inês Philippsen), observando os seguintes pontos:

- Contemplar o ensino de gramática;
- Observar a presença de variação linguística;
- Sequência proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly;
- Compêndio a ser analisado: dez aulas.

GÊNERO INSTRUCIONAL: Manual de instruções

		Instrução para quê?
Apresentação da Situação	Objetivos Específicos:	Apresentar o gênero que será trabalhado; Observar o que os alunos já sabem a respeito do gênero; Motivar a escrita; Utilizar conhecimento prévio; Perceber a intencionalidade do autor.
	Atividades:	1. Elencar atividades e/ou equipamentos que vêm com instruções e por quê? 2. Entregar os jogos ‘Bozó’, ‘Dominó’, ou outro a cada quatro alunos; 3. Jogar algumas partidas livremente; 4. Jogar com os alunos “O Mestre



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 22 • Abr/Jul 2017

		Mandou” ou outro jogo equivalente, (não dar direcionamento para a brincadeira, deixar que eles, a partir das situações, formulem as regras).
	Material a ser utilizado:	- Jogos de ‘Bozó’, ‘Dominó’ ou outro que tenha na escola; - Quadro branco; - Caneta para quadro branco.
	Duração:	1 hora/aula
Produção Inicial:	Chama o “Manuel”?!	
	Objetivos Específicos:	Pedir para que produzam um “Manual de instruções” para a brincadeira de “O Mestre Mandou”, “Bozó” ou outro jogo; Observar o processo de escrita; Colher informações para reformulação do próximo módulo; Mostrar o gênero presente em nosso dia a dia e sua necessidade.
	Atividades:	<ol style="list-style-type: none">1. Pedir a produção de um manual de instruções;2. Colar no quadro ou lugar próprio uma quantidade significativa de modelos, como: receitas culinárias, bulas de medicamentos, manuais de instrução relacionados a aparelhos eletroeletrônicos, guias e mapas rodoviários, editais de concursos públicos,

		<p>manuais referentes a jogos como um todo, dentre outros;</p> <p>3. Pedir para que preencham um quadro elencando semelhanças e diferenças;</p> <p>4. Pontuar situações em que há necessidade de manuais de instruções.</p>
	Material a ser utilizado:	Diferentes tipos de instruções; Quadro com características do gênero.
	Duração:	2 horas/aula
	Decifrando manuais	
Módulo 1:	Objetivos Específicos:	<p>Esmiuçar o gênero para maior compreensão;</p> <p>Elencar as características do gênero (Estrutura do texto: título, sequência etc);</p> <p>Observar atentamente os aspectos gramaticais do gênero (pontuação, concordância nominal, emprego ou não de verbos no modo imperativo, emprego de marcadores de sequência temporal).</p>
	Atividades:	<p>1. Reproduzir no quadro o gênero para que seja trabalhado;</p> <p>2. Anotar tudo o que for observado;</p> <p>3. Explicar de maneira direta questões gramaticais relacionadas ao gênero, como: clareza, objetividade, verbos utilizados, entre outras;</p>

		4. Pedir para que procurem em dicionários o significado de alguns termos referindo-se a 'jogadores' utilizados por eles na produção inicial.
	Material a ser utilizado:	Projektor Multimídia; <i>Notebook</i> ; Gênero previamente pesquisado.
	Duração:	1 hora/aula
Módulo 2:	O que falta?	
	Objetivos Específicos:	Retomar a aula passada de uma forma diferente; Verificar se reconhecem características simples do gênero.
	Atividades:	<ol style="list-style-type: none"> 1. Entregar a eles um manual de instruções sem a presença dos verbos e pedir que preencham; 2. Analisar como escolheram os verbos e o que os levou a preencher de tal forma; 3. Pedir para que leiam como ficou; 4. Entregar uma atividade para que apontem os elementos de um manual de instruções; 5. Formular um manual de correção com cores; 6. Apontar adequações e inadequações (cada aluno em seu próprio texto).
	Material a ser utilizado:	Cópia das atividades;

		Lápis de cor para apontar nos textos adequações e inadequações.
	Duração:	1 hora/aula
Módulo 3:	Organizar para compreender	
	Objetivos específicos:	Compreender a necessidade de utilização do texto separado por blocos; Verificar os subtítulos e para que servem; Utilizar o raciocínio lógico para preencher as lacunas.
	Atividades:	1. Entregar aos alunos manuais de instrução sem os subtítulos e pedir para que preencham as lacunas de acordo com a necessidade e texto contido nos blocos; 2. Discutir sobre a importância de uma boa organização textual.
	Material a ser utilizado:	Cópias das atividades.
	Duração:	1 hora/aula.
Produção final	Regras, para que te quero!	
	Objetivos Específicos:	Refazer o manual criado na produção inicial; Atentar-se a mudanças no texto.
	Atividades:	1. Pedir para que reescrevam o manual de instruções do jogo da produção inicial; 2. Entregar o primeiro texto e pedir para que verifiquem as mudanças da produção inicial e final.
	Material a ser utilizado:	Texto da produção inicial; Folha para refacção textual.
	Duração:	2 horas/aula.

Recebido Para Publicação em 24 de abril de 2017.
Aprovado Para Publicação em 30 de junho de 2017.